

3

Bonhoeffer e as possibilidades da Igreja Batista no Brasil

No primeiro capítulo tratou-se da realidade da Igreja Batista brasileira, marcada por um renitente dualismo, que privilegia uma fé ingênua e alienada, sem compromisso com a transformação da realidade social e política – marcada consequentemente pela injustiça social – por desprezar o mundo real em favor de uma utopia religiosa cujos termos nem sequer são formulados.

O dualismo entre os batistas foi fruto de uma evangelização que supervalorizava a vida após a morte, em detrimento da vida terrena, vista com forte pessimismo. O entendimento que dá lugar a esse modo de ver se baseia numa interpretação errônea do texto joanino de que “*o mundo jaz no maligno*” (1 João 5.19). Ora, se “*jaz*”, linguagem muito apropriada pelas conotações fúnebres que contêm, é exatamente porque os que estão vivos espiritualmente, no caso os cristãos, não se levantam com a palavra profética e a ação redentora para mostrar ao mundo em que consiste a morte espiritual e como se pode dela libertar.

No segundo capítulo procura-se, pelo estudo da vida e obra de Dietrich Bonhoeffer, recuperar elementos para uma maneira concreta de articular a espiritualidade e a vida prática. Os elementos, devidamente trabalhados, poderiam trazer conseqüências para uma reflexão e pastoral mais engajada na Igreja hoje. Não há respostas ou receitas prontas, no entanto, a partir de Bonhoeffer, algumas pistas podem ser propostas para uma articulação entre espiritualidade e ação. Cinco delas serão tratadas neste terceiro capítulo: o amor a Deus e ao próximo; a inserção no mundo; a Igreja como comunidade; a visão ecumênica; e a dimensão ética da fé, ou seja, o agir criativo e responsável.

3.1

A Igreja Batista e o contexto sócio-político: responsabilidade social, profética e evangelizadora?

Alguns missionários chegaram ao Brasil com ideais transformadores. Nutriam a idéia de que o Evangelho geraria progresso e democracia. Pelos

princípios que regem a Igreja Batista,⁴⁰³ o Evangelho deveria ter permeado e assumido a cultura brasileira, para, a partir de dentro, purificá-la das práticas antibíblicas, fermentando-a com os valores do Reino de Deus. Mas os que buscaram transformar a sociedade foram poucos e não conseguiram fermentá-la, sendo suplantados pelos conservadores.

De um modo geral, porém, os Batistas, como os protestantes, quando aqui chegaram, não traziam qualquer proposta de mudança e incorporaram na sua prática toda uma dicotomia.

Primeiro, desenvolveram uma moralidade individualista, vivida no paradigma contracultural, alimentada pelo desejo do crente de ser diferente dos outros cidadãos, considerados, sem qualquer avaliação objetiva, como pecadores perdidos. A mensagem disseminada era de que o seu reino não é deste mundo. O crente é aqui um *forasteiro* e como tal não deve se envolver nas coisas deste *mundo transitório*. Essa é uma espécie de teologia-reflexo⁴⁰⁴ da teologia adotada pelas igrejas batistas e metodistas da fronteira americana para defender-se dos excessos de uma população que abusava de bebidas alcoólicas, fumo e freqüência aos “*saloons*”. Essas igrejas, para fazer diferença, proibiam terminantemente tais práticas, sendo que os missionários daquela época universalizaram esse padrão restritivo.⁴⁰⁵

Segundo, atuavam como se a realidade social fosse imutável, resultado de um determinismo natural, motivo pelo qual não se devia interferir em questões de natureza política, social e econômica. A pregação devia objetivar a salvação da alma, dualisticamente contraposta à vida comum. Com esta prioridade em mente, as leis temporais deviam ser acatadas e os poderes constituídos sustentados, para

⁴⁰³Princípio da liberdade individual (a partir do princípio de liberdade de consciência e conseqüentemente a responsabilidade individual diante de Deus); separação entre Igreja e Estado (idéia de igrejas livres em sociedades livres, o que serviria também como proposta para a organização política, ou seja, a igreja como comunidade local, democrática e autônoma, formada por pessoas regeneradas e bíblicamente batizadas (batismo de adultos e por imersão); aceitação das Sagradas Escrituras como única regra de fé e conduta; o homem é justificado diante de Deus pela fé; a absoluta liberdade de consciência; a certeza da salvação e a autenticidade e apostolicidade das igrejas. Disponível em: <http://www.batistas.org.br/miolo.php?canal=143&sub=628&c=&d=1>. Consultada em 21 jun. 2007.

⁴⁰⁴RUBIO, *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. p. 76.

⁴⁰⁵CAVALCANTI, R. *Igreja, um lugar de transformação e liberdade* (Rio de Janeiro: GW Editora, 2005). p. 128.

que o Evangelho não fosse visto como um elemento de subversão da ordem estabelecida. O “*crente nunca é contra, mas a favor...*”⁴⁰⁶

Aliás, os apóstolos também passaram por isso. Pedro e Paulo, em determinado momento, como não queriam que o Império Romano visse o Evangelho como uma proposta subversiva, pregavam o reconhecimento das autoridades como dadas por Deus e o não uso da espada para finalidades de resistência a essas autoridades (cf. Rm 13,1-7; 1 Pe 2,11-21).

Também Pedro chegou a dizer: “*Honrai ao rei (1Pe 2:17 RA). Vocês não devem sofrer como quem faz o mal. Não devem sofrer por ir contra a ordem constituída, mas sofrer por causa da injustiça*” (1Pe 2:18-21 NTLH). Tiago caminhou em outro sentido e fez uma crítica mais social e política.

“A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo. (Tiago 1:27 RC); Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras e que por vós foi diminuído clama; e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Deliciosamente, vivestes sobre a terra, e vos deleitastes, e cevastes o vosso coração, como num dia de matança. Condenastes e matastes o justo; ele não vos resistiu.” (Tiago 5:4-6 RC).

Paulo instruiu os cristãos a orar pelas autoridades, obedecer a elas porque Deus também queria salvá-las. Na realidade, os apóstolos estavam sendo pragmáticos, não assumindo posições políticas nem uma luta revolucionária no sentido comum. Eles queriam algo mais profundo. Era uma tentativa de mostrar que, longe de ser subversivo, o evangelho era o caminho para a preservação do que era bom na sociedade e para a erradicação do que lhe era nocivo. Ao que parece, os batistas incorporaram também esse pensamento e o trouxeram para a realidade brasileira, esquecendo-se ou não percebendo, entretanto, que a oposição ao Estado é possível e às vezes necessária. Quando este se absolutiza e se transforma numa “besta” conforme a linguagem do livro de Apocalipse é mister contra ele lutar.

Bonhoeffer, por seu turno, reconhece que a autoridade é constituída por Deus e que o princípio da autoridade é fundamental para a estabilidade social. Entende, porém que o exercício da autoridade pode ser questionado. Para ele, o princípio é divino, devendo por isso ser respeitado, mas o cristão tem a

⁴⁰⁶Ibid. p. 35.

responsabilidade ética e espiritual de questionar a execução desse princípio. Foi essa compreensão que o levou a decidir-se pela luta contra o nazismo. Por perceber que o Estado alemão fora usurpado pelos nazistas e que estes o utilizavam como uma prerrogativa divina para agir de modo contrário aos valores do Reino de Deus – que não aceita a injustiça, a violência, o genocídio, a guerra e a destruição –, Bonhoeffer viu como um imperativo da ética e da espiritualidade cristãs combater o uso demoníaco do princípio da autoridade.⁴⁰⁷

Quando preparava-se para uma conversa que teria com os representantes do Conselho Mundial de Igrejas em Genebra, após ler o livro de William Paton, *The Church and The New Order* (A Igreja e a Nova Ordem), publicado em julho deste mesmo ano, Bonhoeffer escreveu em 03 de setembro de 1941:⁴⁰⁸

“Há um ponto importante que Paton não mencionou em sua descrição do caos por trás da guerra. O motivo mais profundo para a confusão moral na Alemanha, e em certa extensão na Europa como um todo não é apenas a oposição contra as convicções éticas cristãs (para isso mesmo, poderia ter criado frentes claras em vez de “caos”), mas sim a capacidade do regime nacional-socialista de apresentar a injustiça como verdadeira justiça. [...] Havia apenas uma relativa justiça em algumas reivindicações da Alemanha para tornar possível para Hitler apresentar-se como um profeta que veio para restabelecer a justiça. Esta é a principal fonte da presente confusão moral. Para quem não consegue discernir o aspecto demoníaco do mal que se mostra numa figura de justiça, reside aí a fonte do veneno de toda a desagregação ética. E não se pode esquecer que, fazendo concessões a Hitler, que tinham sido recusadas aos seus predecessores, os estadistas de outras nações se tornaram os partidários de Hitler contra os grupos de oposição na Alemanha. Desta forma é explicável que, tornou-se cada vez mais difícil para o povo alemão compreender a verdadeira natureza do regime, e que foi somente um pequeno grupo que pode reconhecer justamente nisso Satanás representado como um anjo de luz”.⁴⁰⁹

O que fazer quando esse reino está sendo usurpado ou utilizado para o mal, um princípio divino utilizado para destruir o próprio Reino de Deus? Bonhoeffer compreendia que o cristão não é desse reino do mundo, mas que enquanto nele estiver (cf. Jo 9,5) e ele for mal utilizado, usurpado, colocado em luta contra o próprio Reino de Deus, deve ser combatido. O cristão não pode se ajustar às estruturas de forma acrítica, passiva, e indiferente. Precisa se recusar a tomar a

⁴⁰⁷BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 28.

⁴⁰⁸BETHGE, E. et al., eds., *Dietrich Bonhoeffer Works: Vol 16, Conspiracy and Imprisonment, 1940-1945*, 16 vols., vol. 16 (Minneapolis: Fortress Press, 2006). p. 528.

⁴⁰⁹Ibid. p. 535-536.

forma do mundo, e trabalhar como agente da transformação.⁴¹⁰ Suas armas são orações e ações.⁴¹¹ Cabe à Igreja interpretar a realidade social, política e econômica e descobrir onde compete a ela fazer oposição, apontar as leis injustas, denunciar onde e como age o poder oficial quando o faz contra as verdades do Evangelho e por isso não deve ser respeitado. Como arauto do Reino de Deus ela deve proclamar a vontade e os decretos do Rei.⁴¹² Nesse caso o único caminho é o risco, o custo do discipulado.⁴¹³

A Igreja precisa ser o meio pelo qual o Reino de Deus prevaleça “*sobre o anti-reino, a justiça sobre a injustiça, a reconciliação sobre a guerra, a honestidade sobre a desonestidade.*”⁴¹⁴ Todas as vezes que isto acontecer, ela será vista como sinal do Reino de Deus nesse mundo, e concretamente, o Senhor estará reinando.

Podem ser destacadas duas grandes tentações para os batistas na atualidade, assim como para os protestantes e os cristãos em geral: a primeira, a de se aliar com os poderes constituídos para obter vantagens políticas ou econômicas; a segunda, de não discutir ou questioná-lo, de partir do princípio que o poder político temporal é constituído por Deus e que mesmo quando mal utilizado deve permanecer intocável. Aceitar tudo como determinado por Deus é um problema enraizado na história batista, pretexto para o não envolvimento com a questão política, dizendo que “*crente não se mete em política*”.⁴¹⁵ Repetir esse jargão já é um ato político de irresponsabilidade que reforça uma posição contra o Evangelho. Trata-se de uma atitude de acomodamento, de escapismo, que precisa ser combatida. Por mais que o indivíduo ou o grupo digam que não querem se envolver em política, esse ato já é um ato político.

O ser humano, como agente de transformação, é livre para escolher fazer o bem ou o mal, agir ou se acomodar. Para Bonhoeffer, uma vida responsável, livre, está vinculada ao semelhante e a Deus. Desta forma,

⁴¹⁰CAVALCANTI, *Igreja, um lugar de transformação e liberdade*. p. 19-21, 32.

⁴¹¹BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 395-396.

⁴¹²CAVALCANTI, *Igreja, um lugar de transformação e liberdade*. p. 29.

⁴¹³KELLY, G.B. e GODSEY, J.D. eds., *Dietrich Bonhoeffer Works, Volume 4 - Discipleship*, 16 vols., vol. 4 (Minneapolis: Fortress Press, 2003). p. 4.

⁴¹⁴CAVALCANTI, *Igreja, um lugar de transformação e liberdade*. p. 29.

⁴¹⁵Ibid. p. 78.

“tanto a obediência quanto a liberdade acontecem na responsabilidade. A responsabilidade carrega em si essa tensão. Qualquer autonomia de uma contra a outra seria o fim da responsabilidade. Ação responsável é, ao mesmo tempo, comprometida e criativa. [...] O ser humano responsável, que está entre comprometimento e liberdade, que, como comprometido, tem que arriscar a ação em liberdade, não acha a sua justificação nem no compromisso, nem na liberdade, mas apenas naquele que o colocou nessa situação humanamente impossível e lhe cobra a ação. O responsável entrega a si e sua ação a Deus.”⁴¹⁶

Bonhoeffer percebeu que, caso se omitisse, não combatesse os nazistas, ele estaria reforçando a posição dos nazistas. Se dissesse ‘isso não é comigo, vou cuidar do Reino de Deus’, estaria apoiando implicitamente a monstruosidade que foi o nazismo. Optou, porém, por não se omitir, por cumprir o mandamento de Jesus Cristo de ser sal e luz, de ser um agente de transformação mesmo que isso lhe custasse a vida.

Como forma de integração de mística e militância, Cavalcanti afirma que a Igreja deve adotar quatro atitudes: *intercessão*, pela qual se sensibiliza com o sofrimento do irmão e com ele se compromete; *ensino* de todo o conteúdo bíblico e todo o conselho de Deus no que se refere à ética social; *despertamento das vocações civis* e criação de um ambiente favorável dentro da comunidade de fé através da intercessão, apoio espiritual, estímulo e encorajamento; *profetismo* – levantar-se como a consciência moral da nação e proclamar a ira de Deus contra toda a iniquidade. Assim agindo, a Igreja impactaria o mundo, pois a conversão ultrapassaria o limite do individual.⁴¹⁷

A Igreja Batista deve estimular os fiéis a ter a coragem e a responsabilidade que Bonhoeffer teve – isso é cristianismo. O retorno de Bonhoeffer dos Estados Unidos à Alemanha no ano de 1939 – sabendo ele o que lhe poderia acontecer de pessoalmente nefasto sob o nazismo –, é comparável à decisão de Paulo em subir a Jerusalém sabendo que lá iria ser preso. Apresenta similitude com a de Jesus Cristo seguindo para Jerusalém com a mais lúcida compreensão de que o martírio o aguardava naquela cidade (cf. Mt 16,21; 20,17-18; Mc 10,33; Lc 18,31). A disposição de estar aonde as coisas ocorrem ou precisam ocorrer é assumir o testemunho cristão genuíno, corajoso, autêntico.⁴¹⁸

⁴¹⁶BONHOEFFER, *Ética*. p. 140.141.

⁴¹⁷CAVALCANTI, *Igreja, um lugar de transformação e liberdade*. p. 57-61.

⁴¹⁸BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 30.

A vida de Bonhoeffer é um exemplo do que é atitude cristã. Sua vida pode ser avaliada por sua resposta pessoal quando a pergunta pelo cristianismo era feita da forma mais explícita e desafiadora possível: onde está o cristianismo agora, neste caos, nesta coisa diabólica e nesta tremenda avalanche de valores negativos, de ódio a tudo o que o Reino de Deus postula? Onde está a resposta cristã a isso? Bonhoeffer se apresentou para dar essa resposta. Sabia que não podia fazê-lo apenas com palavras, mas com atitude concreta. Fazia parte da classe dominante alemã, não precisava assumir nenhum dos riscos de resistência que seriam esperados de um membro das minorias perseguidas pelo nazismo, especialmente os judeus. Contudo, a autêntica fé cristã não se exime quando o Reino de Deus está sendo ameaçado, ainda quando não haja risco pessoal imediato envolvido. Como escreveu: “*A espera passiva e a assistência indiferente não são atitudes cristãs. Não são as experiências no próprio corpo que chamam a pessoa cristã a agir e a compadecer-se, mas as experiências no corpo dos irmãos, pelos quais Cristo sofreu.*”⁴¹⁹

A atitude de Bonhoeffer ainda não foi completamente entendida como a de alguém que se dispõe a dar essa resposta cristã não apenas em termos de um discurso, uma teoria, uma teologia elaborada, mas de um testemunho pessoal. Naquele tempo, na verdade, na Alemanha, a vivência pura e simples do cristianismo já implicaria em risco de vida. Assumir o Sermão do Monte - amar os cristãos, amar os judeus, viver uma vida simples e despojada, considerar maiores os desprezados e perseguidos, procurar viver em paz com o semelhante – e não compactuar com o triunfalismo nazista consistia um risco pessoal significativo. Dietrich Bonhoeffer, nesse sentido, simplesmente não abdicou de seu direito e dever de viver o evangelho em plenitude. Entendia que nenhum poder humano, ainda que avassalador como o nazismo, podia cassar-lhe esse direito, a ele concedido a partir do momento em que se dispôs aceitar o chamado ao discipulado cristão.⁴²⁰ Pode-se arriscar a dizer que Bonhoeffer foi um precursor da Missão Integral embora esta nomenclatura só venha aparecer mais tarde no contexto cristão.

⁴¹⁹Ibid. p. 40.

⁴²⁰GRUNCHY, J.W.D. ed., *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer, Companions to major topics and key figures in theology and religious studies* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005). p. 198-203.

Os batistas têm muito que aprender com Bonhoeffer na vivência do Evangelho na sua simplicidade. Muitos na Alemanha, a pretexto de viver um evangelho mais depurado, um cristianismo mais politicamente correto, se aliaram ao nazismo. A Igreja se omitiu. Viu em Hitler o messias político, sem perceber o que realmente era o nazismo e Hitler. Há, também, o exemplo de um batista nos Estados Unidos, que, como Bonhoeffer na Alemanha, muito pode iluminar - Martin Luther King. Ele denunciava:

“A voz da Igreja contemporânea é quase sempre muito fraca, impotente, pouquíssimo audível ou acessível! Ela se torna muito freqüentemente a ardente protetora do “*status quo*”! Bem longe de se deixarem perturbar pela presença da Igreja, as autoridades se sentem apoiadas por sua muda aprovação ou até mesmo declarada, visto o estado atual das coisas.”⁴²¹

Através da visão desses dois servos de Deus do século passado, os batistas poderiam estar atentos para não se deixar levar pela fantasia cultural, pela atmosfera das paixões políticas exacerbadas, pela histeria decorrente da manipulação do sentimento popular. Pela perspectiva cristã, deveriam buscar interpretar o momento para saber exatamente o fundamento real do que acontece e saber onde está e onde não está a verdade cristã. Através da teologia, da visão e da vida de Bonhoeffer pode-se ter instrumentos para analisar melhor a situação na qual se vive. Muitos sem saber o que estava acontecendo apoiaram o nazismo e fizeram elogios a Hitler na Alemanha, assim como apoiaram o racismo nos Estados Unidos.

Infelizmente, a leitura acrítica da Bíblia, aliada ao ensino de que “*crente não se mete em política*”⁴²² a não ser para apoiar as diretrizes do poder constituído, tem acarretado a ausência de uma voz profética, corajosa, consciente e inteligente que discirna mazelas sociais, econômicas e políticas para o bem da vivência integral da fé.

Pelos olhos de Bonhoeffer e dos instrumentos teológicos que ele elaborou, pode-se olhar o tempo presente e ver o que nele há de anticristão. Qual a pergunta que a situação política, econômica e social faz ao cristianismo hoje sem encontrar resposta? Que pergunta está sendo feita pelo Brasil de hoje à Igreja? Diante das

⁴²¹BERTHIER, R. ed., *Orar com Martin Luther King e os não-violentos*, vol. 7, *Orar com Martin Luther King e os não-violentos* (São Paulo: Edições Loyola, 1991). p. 46.

⁴²²CAVALCANTI, *Igreja, um lugar de transformação e liberdade*. p. 78.

questões éticas do tempo e dessa crise moral que se vive a igreja precisa dar a resposta. A Igreja precisa instrumentalizar essa resposta e torná-la compatível com a linguagem que se fala hoje. Cabe ao teólogo, baseado nos princípios do cristianismo, trazer os ensinamentos de Jesus e o que foi dito pelos apóstolos para responder as demandas desse tempo. Essas respostas podem até não ser aceitas, mas não podem deixar de existir como um testemunho vivo de que quando o mundo desafiou o cristianismo, este estava lá para responder.

Em que medida a ação social configura uma proposta cristã genuína de ação evangelizadora no mundo e uma resposta a essas demandas do tempo, uma resposta às perguntas que o mundo faz? Em que sentido a ação social configura uma resposta autenticamente cristã? A ação social só será uma expressão do discipulado cristão se estiver fundamentada no mandamento bíblico (*“Enquanto temos tempo façamos bem a todos”* Gl 6:10).

O cristão não faz ação social por que é bom ou porque tem boa intenção. Ele não se move a partir de uma ideologia revolucionária, conquanto eventualmente possa haver pontos de tangência no que fazem respectivamente o cristão e o ativista ideológico. O que o move é o cumprimento, com alegria, do mandamento de Deus. Não há mais diferença entre a sua vontade e a vontade de Deus. Cada cristão terá que dar a sua resposta. O cristianismo hoje no Brasil precisa de pessoas que queiram dar respostas pessoais ao chamado personalizado de Jesus Cristo. Bonhoeffer deu a sua resposta agindo responsabilmente.⁴²³ Seu testemunho ficou na história como um exemplo de responsabilidade cristã e, para os termos do estudo aqui desenvolvido, como um marco de superação do fosso entre mística e militância na experiência de fé.

3.2

A Missão Integral da Igreja Batista hoje no Brasil

As ciências humanas, em especial a antropologia, enriquecem o pensamento teológico, mas o conhecimento científico não esgota o conhecimento sobre o homem. A Antropologia Teológica Cristã estuda o homem à luz da

⁴²³BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 37, 41 e passim.

revelação bíblico-cristã na comunidade onde ele é evangelizado, espaço onde acontece a sua conversão e onde o ele testemunha e vivencia a sua fé. O cristão busca na Bíblia elementos que iluminem a sua caminhada rumo a uma libertação de todo o tipo de opressão. Fundamentado na Palavra, procura, com o seu compromisso social, realizar mudanças reais que tragam desenvolvimento e liberdade para todos e em especial para os destinatários do Reino, que são preferencialmente os pobres e oprimidos. Como escreveu Bonhoeffer em 1938: “*Não é cristão evangélico quem não quer aprender a usar a escritura de forma autônoma. Mais uma questão: Como poderíamos socorrer um irmão cristão em dificuldade e tribulação, senão com a própria Palavra de Deus?*”⁴²⁴

Entretanto, a teologia do homem pecador e separado de Deus levou evangélicos de modo geral,⁴²⁵ a pensar nas pessoas primeiramente como indivíduos, possuidores de uma alma eterna e muito importante para Deus. Daí, o grande desafio torna-se o “*salvar as almas*”. Contudo, as boas novas do evangelho, anunciadas por Jesus Cristo, são muito mais do que perdão dos pecados e uma garantia de ir para o céu. Jesus não definiu as boas novas do reino como perdão de pecados, embora por diversas vezes ele tenha oferecido gratuitamente o perdão imerecido.⁴²⁶ O que queria Jesus dizer quando anunciou “*as boas novas do Reino*”, quando dizia “*o tempo é chegado*” ou “*o Reino de Deus está próximo*”? (cf. Mc 1,14; Mt 4,23).

Os profetas do Antigo Testamento haviam prometido que um dia Deus enviaria o Messias para promover um novo relacionamento com Deus e com o próximo, o que não só perdoaria os pecados do povo, mas de uma maneira nova instalaria um reino de paz e justiça na terra. Jesus Cristo anunciou, a princípio com cautela, e posteriormente de maneira aberta, que esse Reino de Deus estava se manifestando em sua pessoa e obra.⁴²⁷ Seu anúncio contemplou palavras e ações. Se o evangelho fosse somente perdão de pecados, as palavras apenas bastariam, como, a propósito, propugna um evangelho desencarnado, pelo qual

⁴²⁴BONHOEFFER, D. *Vida em comunhão*, trans. KAYSER, I., 3. ed. rev. ed., 1. Teologia prática. 2. Luteranismo (São Leopoldo: Sinodal, 1997). p. 41.

⁴²⁵Aqui falamos não somente das denominações históricas, mas dos evangélicos em geral e dos batistas em particular.

⁴²⁶SIDER, *O escândalo do comportamento evangélico: por que os cristãos estão vivendo exatamente como o resto do mundo?* p. 60.

⁴²⁷Ibid. p. 60-63.

espírito e corpo seguem caminhos antagônicos – o primeiro, salvo, segue para o céu e o segundo, abandonado à própria sorte, permanece no inferno de uma vida não restaurada.

Para a irrupção desse Reino messiânico há muito desejado e esperado era necessário que ele se tornasse visível na História. Por meio de Jesus Cristo, a presença do Reino se deu através dos milagres realizados. Jesus trouxe cura ao corpo e à alma. Esse Reino tornou-se visível e palpável. A pregação que dá ênfase apenas ao perdão dos pecados e à salvação da alma é uma pregação parcial e infiel ao ensino de Jesus Cristo, que se confessa como Senhor e Deus. Jesus mesmo pregava e curava. Enviou os seus discípulos dando-lhes poder para agir assim como ele mesmo fez (cf. Mt 10; Mc 6,7-13; Lc 9,1-6).

A Bíblia diz que Cristo não apenas perdoa, ele também transforma. Essa transformação não se dá apenas no íntimo, mas também no modo de agir. O chamado de Cristo é para um arrependimento e uma conversão. Significa “*dar meia volta*”, mudar de direção. Uma mudança de critérios morais e também de atitudes demanda “*voltar às costas*” totalmente a tudo que é contra Deus (*metanóia*). Isto implica uma mudança radical de pensamento e ações. Jesus Cristo quer ser aceito pelo homem como seu Senhor e Salvador. A aceitação do senhorio de Jesus Cristo traz conseqüências práticas para os seus seguidores. É hipocrisia dos cristãos falar que Deus ama a todos e manter ou apoiar uma estrutura de dominação e de injustiças. A Bíblia não é dualista. O dualismo faz interpretar erroneamente a Bíblia.

Quanto mais se busca a Deus, mais perto se fica dos homens e mais o crente se identifica com as dores e os sofrimentos dos demais. Desde suas primeiras páginas até as últimas, a Sagrada Escritura mostra Deus como um parceiro e interlocutor do ser humano, capaz de diálogo com este, criado à sua imagem e semelhança e com quem fez uma Aliança. Também mostra que é Deus quem sempre toma a iniciativa de um diálogo e busca mantê-lo vivo, sobretudo mediante Jesus Cristo. Em Hebreus 1:1-2 lê-se: “*Antigamente, por meio dos profetas, Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras aos nossos antepassados, mas nestes últimos tempos ele nos falou por meio do seu Filho. Foi Ele quem*

Deus escolheu para possuir todas as coisas e foi por meio dele que Deus criou o Universo.”⁴²⁸

Jesus Cristo constitui o ponto alto da Revelação de Deus. Ele, de maneira semelhante à tradição do Antigo Testamento, anuncia a intervenção de Deus na História. Ele é também o elemento catalisador que coloca tudo em movimento e é o centro de tudo. Agora, como destacado por Bonhoeffer, o ponto decisivo passa a ser o seguimento de Jesus.⁴²⁹ A convocação aos homens é para serem discípulos acolhendo a Boa Nova, entrando e assumindo o Reino de Deus. Jesus é a ponte que liga o humano ao divino. Abre ao homem e à mulher o caminho da realização plena.⁴³⁰ Essa deve ser a mensagem e vivência do cristão.

Em Jesus está o modelo perfeito de ser humano, pois ele conseguiu unir verdadeiramente a vida de ação e oração sem dualismos, ou seja, conjugando mística e militância.⁴³¹ Nos evangelhos encontram-se os relatos de que Jesus passava horas e até noites em presença do Pai como preparação para o seu dia de amor-serviço aos homens, em especial aos menos favorecidos. Ele unia a oração à vida cotidiana e procurava, assim, desmontar a situação vigente, de longa data, de opressão e marginalização que descaracterizava o homem criado à imagem e semelhança de Deus.

Jesus oferece o modelo perfeito de serviço e envia os crentes como Igreja ao mundo para como ele serem servos. Ele expressou seu amor em serviço, dando assim exemplo e indicando o caminho à Igreja. “Assim como o Pai me enviou eu vos envio ao mundo” (Jo 20:21). Jesus de Nazaré, Cristo-homem, veio ao mundo dos homens. Não a um mundo ideal, mas ao mundo real com todas as suas características. Assim como ele foi enviado ao mundo pelo Pai, enviou sua Igreja, para que ela se identificasse com o mundo, porém, sem perder sua identidade cristã. Assim como Jesus conheceu, conviveu, compartilhou e comprometeu-se com o mundo, espera-se que a Igreja também o faça. O amor é a direção única que leva ao conhecimento. Amor a Deus, a si mesmo, amor ao próximo e à criação.⁴³²

⁴²⁸Bíblia Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

⁴²⁹BONHOEFFER, *Discipulado*. p. 9-55.

⁴³⁰AGOSTINI, N. *Jesus Cristo e a Vivência da Ética nos Dias Atuais*, in *A Pessoa e a Mensagem de Jesus*, ed. MIRANDA, M. D. F. (São Paulo: Edições Loyola, 2002). p. 83.

⁴³¹RUBIO, *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. p. 410.

⁴³²ARANA, P. *Bases Bíblicas da Missão Integral da Igreja*, in *A Serviço do Reino - Um Compêndio Sobre a Missão Integral da Igreja*, ed. STEUERNAGEL, V.R. (Belo Horizonte: Missão Mundial, 1992).

A Igreja deve buscar conhecer, viver e compartilhar tudo que o Senhor lhe tem dado. Isto é, compartilhar o Evangelho em sua dimensão integral e lutar pelos valores deste Evangelho, que são a justiça, a paz, a preocupação pelas necessidades humanas. Assim como Cristo comprometeu-se com a vontade do Pai e com os seus seguidores, não cuidando de ser servido, mas buscando servir aos demais (cf. Rm 8,19), da mesma forma a Igreja deve caminhar ao lado do povo, assim como o Senhor Jesus o fez. Ela não pode permanecer como espectadora da História. Precisa atentar para as lutas reais dos homens de forma a cumprir a sua missão.

A missão integral da Igreja inclui evangelização ou proclamação da Palavra e responsabilidade social. Não por acaso, a única definição de religião no Novo Testamento, baseada na palavra profética de Miquéias 6:8, expressa este conteúdo bilateral da tarefa cristã: “*A religião pura e imaculada diante de nosso Deus e Pai é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se isento da corrupção do mundo*” (Tg 1.27). Este “*guardar-se da corrupção do mundo*” significa basicamente a renúncia e o repúdio a uma atitude mundana na qual o próximo seja visto não como o irmão em Cristo a ser resgatado na evangelização e sim como rival e inimigo a ser combatido e desprezado. Evangelização e responsabilidade social caminham juntas como causa e efeito de uma mesma verdade evangélica. Elas estão pedagogicamente separadas, mas são relacionalmente unidas e necessárias. O evangelho tem uma prioridade lógica, não temporal, porque quando uma pessoa está com fome, a Igreja deve dar-lhe o pão físico, que é a representação de Cristo, e não negar-se a essa atitude sob o pretexto de que o mais importante é dar-lhe o pão espiritual.⁴³³

Dentro da visão do Evangelho Integral, deve-se pregar a Palavra e ao mesmo tempo destruir as barreiras físicas que impedem a pessoa de compreender a mensagem do Reino. Pois a perspectiva integral que a teologia defende, respeita cuidadosamente e acentua as diferenças entre as dimensões de espiritualidade e corporalidade. A teologia da Missão Integral reconhece que entre essas dimensões existe uma tensão, mas não se desenvolve uma dialética de exclusão, antes a visão integral desenvolve uma dialética de inclusão visando à reconciliação,

⁴³³STOTT, J.R.W. *O cristão em uma sociedade não cristã* (Niterói: Vinde, 1989). p. 29.

cooperação, comunhão. Porque, às vezes, antes de dar a Palavra a situação social exige atendimento.

A Igreja enfrenta desafios pessoais, sociais e eclesiais que devem ser respondidos com oração e ação. Todavia, com medo de ser confundida com a doutrina da salvação pelas obras, e como forma de se contrapor a esse pensamento, a Igreja Batista nas últimas décadas se calou em relação ao serviço cristão, que é uma tradução do amor, deixou de incentivar seus membros nesse sentido. Não abriu novas obras sociais significativas, chegou, inclusive, a fechar algumas existentes, tais como: colégios, dispensários, orfanatos, asilos e hospitais. Numa linguagem bíblica, através dessa atitude, deixou o órfão e a viúva desamparados. Claro está que não se é salvo *pelas* obras, conforme a carta de Tiago, a salvação é *para* as obras (cf. Tg 2,14-18).

Jesus ensinava, pregava e servia. A igreja não pode se esquecer disso. Ela tem que sair de sua zona de conforto, da condição de mera observadora para identificar-se e solidarizar-se com as necessidades reais das pessoas. Ela é a portadora das Boas Novas de Deus ao mundo, de sua graça, oferece os recursos que seu Senhor lhe confiou para a transformação, não somente da situação, mas também da natureza dos participantes. Essa imersão nas necessidades humanas deve levar ao nítido reconhecimento da importância da sua natureza espiritual, sem descuidar das necessidades humanas materiais. A ruptura entre Deus e os homens deveu-se ao fechamento à interpelação do amor de Deus (pecado), e conseqüente fechamento aos outros seres humanos e à natureza. Este é o agente de toda desarmonia com as quatro dimensões básicas da vida cristã: as relações com Deus, com o próximo, consigo mesmo e com a criação.⁴³⁴

Ser cristão significa assumir um papel responsável perante o mundo de Deus, sofrer com o mundo como ele é, desejando transformá-lo no que Deus quer que ele seja. O pecado é essencialmente pessoal, porém suas conseqüências sociais são trágicas e imediatas. Não é possível conceber vida cristã plena sem preocupação com ecologia, recursos naturais escassos, guerra e paz, justiça, pobreza e analfabetismo. Ignorar essas coisas é pecado. O pecado avilta os céus. Os que se isolam na mística – dimensão vertical do relacionamento disciplinado e profundo com Deus –, ou na militância – dimensão horizontal que caracteriza uma

⁴³⁴RUBIO, *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. p. 638.

vida responsável no corpo de Cristo que é a comunidade eclesial –, sem equacionar sua vocação e seu compromisso com o mundo, a partir de uma vivência com Deus e com os irmãos, cedo perderão sua identidade cristã.⁴³⁵

Jesus veio para salvar os pecadores (cf. 1Tm 1,15). Cabe à Igreja fazer chegar essa mensagem de salvação aos homens. Jesus, em sua tarefa, envolveu-se com os pecadores, não com seu pecado. A história da Igreja mostra, ao contrário, que muitas vezes ela participou dos pecados dos pecadores (arrogância, egoísmo, cobiça), afastando-se, porém, dos pecadores. Foi escrito que: “*Jesus vendo as multidões, compadeceu-se delas, por que estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não tem pastor*” (Mt 9:36). A motivação que o impulsionou foi a compaixão, isto é, ele se identificou com a gente, solidarizou-se com suas necessidades. A Igreja tem de fazer o mesmo. No entanto, Jesus não pôde fazê-lo sem a presença e o poder do Espírito Santo, que dominava a sua vida, mas que nem sempre domina a vida da Igreja, que deve adotar atitudes cristãs tais como misericórdia, amor, discrição, que levam à prática da esmola, da oração, do amor ao próximo, ao jejum, sem ostentação e vanglória, mas com discrição (cf. Mt 5,7; 6,1-4; 7,12).

Se a Igreja quiser ser fiel a Cristo tem de enxergar além das estatísticas, isto é, ver as pessoas e as suas necessidades reais. Deverá ver além das estruturas que possui ou das facilidades materiais que desfruta e discernir as mentes, os corações e a fome espiritual, emocional e física das pessoas. Tudo que Cristo fez, Ele o fez pelo homem-em-comunidade e pelo homem de carne e osso. Não por uma idéia do homem, não por uma alma desencarnada, mas pelo homem com suas necessidades, carências, angústias e problemas, com suas aspirações e esperanças. A este homem é que Jesus de Nazaré se dirigiu e atendeu integralmente. Ele disse aos seus discípulos: “*Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para sua seara*” (Mt 9:36).

Essa oração é comprometedora, pois: “*Tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para expeli-los, e para curar toda sorte de doenças e enfermidades*” (Mt 10:1). O cristão não pode orar sem se comprometer. No exemplo citado, Jesus Cristo mostra que a oração é atendida e que esse atendimento envolve o compromisso cristão de transformar a

⁴³⁵GRELLERT, *Os compromissos da missão: a caminhada da igreja no contexto brasileiro*. p. 25-27.

situação ao redor. Sempre se faz parte da resposta à oração. Se Cristo mandou que os discípulos orassem, estes deviam estar dispostos a fazer parte da resposta dessa oração. A igreja que olha o mundo, que entende o chamado do Senhor e que escuta a Cristo essa é a igreja que é chamada e convocada para ser parte da resposta à sua própria oração, assim como aconteceu com os discípulos.

Hoje como no passado há cristãos sensíveis aos ensinamentos do Mestre. Comprometidos com a instalação do Reino de Deus no mundo, buscam através de seus dons e talentos incentivar a outros a seguir esse caminho de amor-ajuda ao próximo. O cântico *Que estou fazendo se sou cristão?*⁴³⁶, bem aceito no meio batista, presta uma contribuição à compreensão do ensinamento bíblico: “*Abre a mão para o pobre; sim, ao necessitado estende as suas mãos*” (Pv 31:20):

“Que estou fazendo se sou cristão? Se Cristo deu-me total perdão? Há muitos pobres sem lar, sem pão. Há muitas vidas sem salvação. Meu Cristo veio pra nos remir: o homem todo, sem dividir. Não só a alma do mal salvar, também o corpo ressuscitar.

Há muita fome no meu país, há tanta gente que é infeliz! Há criancinhas que vão morrer, há tantos velhos a padecer! Milhões não sabem como escrever, milhões de olhos não sabem ler, nas trevas vivem sem perceber que são escravos de outro ser.

Que estou fazendo se sou cristão? Se Cristo deu-me total perdão? Há muitos pobres sem lar, sem pão. Há muitas vidas sem salvação. Aos poderosos eu vou pregar, aos homens ricos vou proclamar que a injustiça é contra Deus e a vil miséria insulta os céus.”

O reino de Deus se instalou com a chegada de Jesus Cristo. Nessa vinda acontece uma inversão da história. O primeiro homem, Adão, criado à imagem de Deus, fracassa, e juntamente com ele toda a raça humana fica afastada de Deus. Com o segundo Adão, Jesus Cristo, entra a justificação, e por ela, uma nova relação do homem com Deus (cf. Rm 5,12-21; 1Co 15,20-49). Só se pode falar do amor de Deus em nome de Jesus Cristo se há um compromisso com o próximo, uma vez que a igreja, como portadora da mensagem do Reino de Deus, não pode ausentar-se do grande fluxo da vida humana. Não se pode pregar o verdadeiro evangelho sem atacar as questões sociais.

Desde as suas origens, a igreja é designada por Jesus Cristo para ser um instrumento de transformação histórica e uma promotora da verdadeira liberdade.

⁴³⁶HCC 552, Letra: João Dias de Araújo e Música: Décio Emerique Lauretti.

Historicamente, ela porta o compromisso de ser uma comunidade de transformados chamados a transformar. Promove o bem nos termos de paz, justiça, honestidade e verdade, até o fim dos séculos. Pregar um evangelho desencarnado é mediocridade. Não se pode desprezar o fato de que o Evangelho se ocupa tanto do corpo quanto da alma. Uma evangelização desequilibrada provoca uma dicotomia trágica entre sagrado e profano.

A evangelização deve buscar a conversão, pois sem ela o homem/mulher não pode mudar a ponto de não dicotomizar as atitudes e ações. A igreja se quiser ser fiel a sua origem neotestamentária precisa, ao mesmo tempo, trabalhar para transformar a vida dos indivíduos e as situações sociais que lançam homens e mulheres em ansiedade de espírito e numa servidão cruel. Não se pode dividir o ser humano ou negá-lo. A salvação do homem tem que ser integral. O dualismo será superado quando o cristão configurar-se a Cristo e viver o mandamento do amor.

Trata-se de uma deformação o ensino de que através da oração Deus age sozinho, não cabe ao homem e à mulher nada a não ser orar e esperar. Bonhoeffer alertou contra isso no que chamou de recurso ao “*deus ex-machina*,”⁴³⁷ ou o “*tapa buraco*”, ao qual, alguns recorrem até pelos motivos mais fúteis. A oração assim substitui o trabalho e a inteligência. Claro está que se deve pedir a Deus seu auxílio e orientação nas lutas a enfrentar diariamente, mas será um engodo pensar que exclusivamente pela oração será destruída a opressão econômico-política e social. Se Deus “*nos deu inteligência para pensar e corpos para trabalhar, iria contra seus próprios desígnios se nos permitisse obter pela prece aquilo que pode ser alcançado pelo trabalho e pela inteligência.*”⁴³⁸ Cabe aqui, a propósito, a citação muito popularizada da idéia de que ‘o homem deve trabalhar como se tudo dependesse do trabalho e orar como se tudo dependesse da oração’.

A injustiça racial nos Estados Unidos foi combatida a partir das comunidades religiosas. Os pastores negros, adeptos da não-violência, se colocaram à frente na luta contra a injustiça racial. Testemunharam cristãmente, mesmo sabendo dos riscos que corriam. Não lutavam por eles mesmos, mas

⁴³⁷BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 373; 349-440; 415 458-450; 467; 484-489; 509.

⁴³⁸KING, M.L. *Orar com Martin Luther King*, ed. COM, O., trans. MARCIONILO, M. J., *Orar com Martin Luther King* (São Paulo: Edições Loyola, 1991). p. 40.

arriscaram sua situação, prestígio e até a vida pelo bem-estar dos outros. Assim, Martin Luther King, Dietrich Bonhoeffer e tantos outros cristãos entenderam o ensinamento de Jesus: *Se alguém quer seguir a mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me* (Mt 16:24; Mc 8:34; Lc 9:23).

A compreensão desse amor de Deus para a instauração do seu Reino, conforme pregado por Jesus Cristo, é urgente. Ela envolve o compromisso que os cristãos devem ter com Deus de trabalhar pela transformação da humanidade. O ser cristão antecede à ação cristã. Da identidade com Cristo que decorre a identidade e solidariedade com o sofrimento alheio. Quanto mais unido a Cristo, mais livre está para se doar ao próximo. O plano redentor original tem a finalidade primordial de libertação dos pobres, dos marginalizados e dos oprimidos, garantindo a justiça no mundo como um sinal visível da presença de Deus entre os homens.

A ação do crente valida sua reflexão. A fé vive da integração da cabeça, coração e vontade. A ação, não a fala, é o que identifica o verdadeiro cristão (cf. Mt 7,21; Lc 10,28 e Tg 2,17). O ativismo enfermo, autopromocional, factário, lamuriento ou vanglorioso não é cristão (cf. Gl 5,13; Mt 6,3; Fil 2,3,14). Deve-se, de todo o coração (cf. Col 3,23), fazer tudo para a glória de Deus (cf. 1 Cor 10,31), em nome de Jesus Cristo (cf. Col 3,17), e com toda a humildade (cf. Jo 13,15) e amor (cf. 1 Cor 13; 16,14). Uma declaração atual sobre o Evangelho, de consenso evangélico, se mostrou mais bíblica que as anteriores:

“O Evangelho exige de todos os que nele crêem [...] submissão a tudo que Deus tem revelado em sua palavra escrita. [...] Nós afirmamos que a fé salvadora resulta em santificação, em transformação de vida em conformidade com Cristo. [...] Nós negamos que a fé salvadora inclua somente a aceitação mental do evangelho. [...] A fé genuína reconhece Jesus como Senhor e dele depende, mostrando-se em crescente obediência aos mandamentos divinos.”⁴³⁹

A conversão a Deus e o seguimento de Jesus Cristo se dá na História e passam pela conversão ao irmão e pela luta em favor dos que não têm nem vez e

⁴³⁹ AKERS, J. N.; ARMSTRONG, J.H. e (ORG), J.D.W. *The Gospel of Jesus Christ: An Evangelical Celebration*. In *This We Believe* (Grand Rapids: Zondervan, 2000). p. 240, 243, 247. citado por SIDER, *O escândalo do comportamento evangélico: por que os cristãos estão vivendo exatamente como o resto do mundo?* p. 64.

nem voz. A oração “*Maranata*”⁴⁴⁰ deve ser o compromisso de colocar em marcha o reino de justiça, igualdade, fraternidade e de solidariedade. Deve ser o trabalho diário do fiel pela luta para a transformação das estruturas vigentes na sociedade ou pela criação de novas estruturas capazes de contribuir para a personalização, em especial dos mais oprimidos e desamparados.⁴⁴¹ A identificação com Cristo é a identificação com o irmão (*Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. 1 João 4:20*). O que nos permite concluir que a evangelização que visa somente salvar as almas é algo antibíblico.

3.3

A Igreja Batista no Brasil: Algumas pistas para uma teologia e pastoral de integração

Até aqui viu-se um pouco da história dos Batistas no Brasil e como o dualismo penetrou no pensamento e na doutrina desses cristãos, sinceros, sem dúvida, mas influenciados por uma cultura impregnada pela visão dicotômica totalitária entre o bem e o mal que não levava em conta as nuances, gradações e especificidades nas quais dividir o mundo entre estas duas partes, antes prestava um desserviço ao cristianismo do que ajudava em sua compreensão pelos não cristãos. Esta posição acabou perdurando, apesar do surgimento de arautos que se levantaram conclamando ao retorno de uma vivência mais bíblica, através da vivência do amor-serviço e, portanto mais integradora do ser humano.

A visão dualista da realidade: espírito-matéria, alma-corpo, Deus-mundo, razão-emoção, fé-religião, oração-ação, como foi visto, tem marcado o cristianismo ao longo dos séculos. Deve-se notar que há dois tipos de dualismos que não devem ser confundidos: o ético e o ontológico. O ético está relacionado ao fazer o bem ou o mal, ser justo ou injusto etc. O ontológico, situado no ser mesmo das realidades, considera o corpo (a matéria, o sexo etc) como mau e a alma como boa. A fé cristã rejeita este dualismo. O mal se encontra no uso

⁴⁴⁰Expressão aramaica que quer dizer: "Vem, nosso Senhor!" ou "O nosso Senhor está vindo" (cf. 1Co 16,22).

⁴⁴¹RUBIO, *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. p. 318-319.

negativo da liberdade humana, não no ser das coisas. Estas são boas em si mesmas (cf. Gn 1,31).

As influências do dualismo no cristianismo são maléficas, quer sejam no campo teórico, quer na pastoral, quando faz a separação excludente de corpo e alma, céu e inferno, gera medos escatológicos, abre espaço para um ritualismo vazio ou um devocionismo supersticioso. Contudo, e este é o mal da atualidade, não se pode perder de vista que a capacidade de diferenciar o joio do trigo permanece um imperativo da proposta cristã e nisto a Igreja tem toda razão em fechar questão em torno dos fundamentos que historicamente dão conteúdo e sentido a esta proposta.

Jesus Cristo é o exemplo de como combater o dualismo – que lembra do “quem conosco não ajunta, espalha”, mas esquece-se de que “quem não é contra nós, é por nós” – e de como preservar as dualidades naturais para que se saiba em última análise as distinções necessárias, bíblicas, entre o justo e o injusto, entre os que são de Deus e os que não são de Deus. Esse foi o caso dos membros da Igreja Confessante que reconheceram em Hitler e no partido nacional-socialista alemão os inimigos do povo de Deus e do próprio Deus. Neste ponto, a contribuição de Bonhoeffer e de outros membros dessa igreja foi vital para que fossem formuladas distinções muito difíceis de fazer num momento de histeria coletiva que praticamente tornava aqueles que se dispunham a realizá-las verdadeiros autores de crimes de lesa-pátria.

A teologia tem uma importante tarefa a cumprir na superação do dualismo. Cabe a ela a investigação, a busca da verdade, o esclarecimento do conceito de pessoa humana como ser integral. O dualismo não permite que o indivíduo cumpra a sua missão de ser “sal da terra e luz do mundo”. Viver como ser humano é ser luz e viver em luz. Essas metáforas ajudam a compreensão: se o sal se mantém distante do alimento a que precisa dar sabor, a pretexto de manter sua pureza ou sua condição natural, acontece uma separação que em nada serve ao seu propósito. O sal se mistura ao alimento, perdendo sua condição de substância própria, exatamente para que outras substâncias adquiram o sabor e a energia que só no sal podem ser encontradas. Assim é e deve ser o verdadeiro cristão. Ele se envolve com o mundo a fim de que este receba dele, cristão, as virtudes sem as quais não consegue ter vida nem graça.

De igual forma, a luz brilha na escuridão para que esta deixe de ser escuridão. Contudo, se este cristão-luz tende a evitar a escuridão considerando que poderá ser contaminado ou absorvido por ela, está definida a dicotomia que estabelece uma separação inconciliável entre luz e trevas. Este cristão pode ser luz fitando a face de Deus, como Moisés no deserto, mas não poderá iluminar aqueles que estão nas trevas – o que faz com estas permaneçam como tais e confirmando um dualismo ontológico que não é plano de Deus para a vida no universo.

Dentre muitos seguidores de Cristo que levantaram suas vozes contra esta dicotomia e em favor de uma integração entre mística e militância, escolheu-se o teólogo e pastor Dietrich Bonhoeffer. Seu pensamento e história de vida podem contribuir para uma reflexão teológica e uma conseqüente *práxis*, visando a uma evangelização que leve em conta o ser humano e sua realização; que melhore a qualidade da adoração através do serviço aos desfavorecidos, e envolva maior justiça e igualdade social.

O objetivo maior da Igreja deve ser o de criar uma relação verdadeira entre Deus e o homem, entre os seres humanos e entre estes com o mundo que os cercam. A evangelização tem de atingir a totalidade da pessoa, todas as suas dimensões e atividades, para que sua vida e relações ganhem um novo sentido. Isso para que sua relação com Deus a partir daí passe a orientar as opções concretas que ela praticar em todo o âmbito de sua vida, quer seja no seu dia-a-dia com os familiares, no trabalho, na vida social, visando que as suas relações anônimas sejam fraternas com os seus semelhantes com benefícios para a coletividade.

3.3.1

Igreja: presença e inserção no mundo

A primeira pista que se pode destacar da teologia de Bonhoeffer é que ela é de signo marcadamente encarnatório,⁴⁴² de presença e inserção no mundo a partir de uma fundamentação cristológica.⁴⁴³ Ele rejeitava a concepção dualista de igreja espiritual e igreja mundana, o que não significou dizer que para o momento

⁴⁴²ALEMANY, *Dietrich Bonhoeffer: Responsabilidad cristiana en un mundo adulto*. p. 677.

⁴⁴³ROBERTSON, *Dietrich Bonhoeffer*. p.21-24.

histórico que a igreja vivia sob o nazismo não fosse dever do cristão consciente constatar e testemunhar, ao risco da própria vida, que a encarnação de uma certa concepção de igreja servia ao Diabo, não ao Reino de Deus. A igreja é para ele presença de Deus no mundo e a vida cristã um existir para os outros.⁴⁴⁴ O cristianismo surge do encontro com um ser humano concreto: Jesus. Fora desta perspectiva cristológica, a igreja é uma mera instituição a serviço, eventualmente, de quem lhe paga melhor. A igreja conformista sob o nazismo não se conformou de graça – ela teve suas vantagens.

Deus cria a Adão segundo a sua imagem e semelhança. Em Adão, diz Bonhoeffer no *Discipulado*, Deus reconhecia-se a si mesmo.⁴⁴⁵ Espera-se que o ser criado à imagem do Deus não criado leve consigo este mistério: seja “*como Deus*”. A mentira da serpente para Adão é que ele teria ainda, por iniciativa e decisão próprias, que tornar-se igual a Deus. Ele tornou-se “como Deus” – *sicut deus*, a seu próprio modo. “*Fez-se deus a si mesmo e já não tinha Deus*”.⁴⁴⁶ O problema do pecado de Adão e Eva foi mais de método do que de conteúdo: ser como Deus é um imperativo para o homem criado à imagem e semelhança do próprio Deus. Ser como Deus, desafiando ao próprio, desprezando sua palavra e acreditando na mentira diabólica como formas de alcançar esse objetivo – isso Deus não pode tolerar, e para o bem do homem.

Deus, porém não se afasta do ser humano e quer recriá-lo à sua imagem. Ele criou, sustenta e continua a renovar a criação, o homem especialmente. Isso não pode ocorrer a não ser que Deus mesmo assuma a imagem e estatura dos homens perdidos, para que desta forma, sua imagem no homem possa ser restaurada.”⁴⁴⁷ Eis o alvo: que o homem inteiro, em toda a sua estrutura (corpo, alma e espírito), possa levar a imagem de Deus na terra.

O homem sozinho depois da queda não consegue reencontrar ou reassumir a imagem de Deus. Só existe um caminho: Deus vir ao encontro do ser humano. Na história cristã da salvação, Deus envia seu Filho Jesus Cristo para tornar-se irmão dos salvos. Jesus na sua liberdade esvazia-se a si mesmo, assume a condição de servo, nos moldes do servo sofredor - “*servo de Javé*” (cf. Is 53) e

⁴⁴⁴BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 512.

⁴⁴⁵KELLY e GODSEY, eds., *Dietrich Bonhoeffer Works*, Volume 4 - Discipleship. p. 281.

⁴⁴⁶Ibid. p. 282.

⁴⁴⁷Ibid. p. 283.

+torna-se semelhante aos homens. Assim, apresentando-se como simples homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, morte de cruz! (cf. Fl 2,6ss) “*Despojando-se não certamente da condição divina, mas da glória correspondente.*”⁴⁴⁸

Pela encarnação Jesus despiu-se da sua glória, saiu-de-si-mesmo para encontrar-se com os humanos, solidarizando-se com suas misérias. Só um Deus-amor seria capaz de um ato desses. O "hino cristológico", de Fl 2,5-10, estabelece um paralelo com Adão, um homem criado por Deus à sua imagem (cf. Gn 1,26). Jesus Cristo, ao contrário de Adão, não usou de sua condição divina, nem quis "ser como Deus" (cf. Gn 3,5) Aceitou viver, à semelhança dos demais homens, a condição humana, "em forma de servo, na semelhança da carne de pecado" (cf. Rm 8,2). A humanização é consequência do seu esvaziamento (*kenosis*) - não da sua divindade, mas da glória. Aceitou livremente assumir as vicissitudes humanas e, através delas, proclamar a chegada do Reino de Deus à humanidade,⁴⁴⁹ com a riqueza de sua gratuidade, mediante a adesão ao Cristo.

Essa “adesão a Cristo”, ou a “aceitação de Cristo” ou o “habitar” de Jesus no coração dos fiéis é a experiência da transcendência. “*A vida de Jesus Cristo ainda não foi consumada nesta terra. Cristo continua vivendo-a na vida de seus seguidores.*”⁴⁵⁰ A Igreja é chamada a viver o desprendimento-encarnação-serviço a favor do mundo. Só através da obediência a esta dinâmica ela se mantém fiel a sua identidade.⁴⁵¹

Há sempre o risco dessa missão não ser cumprida pela igreja. Jesus Cristo foi tentado a não cumprir a sua missão de Messias Servidor. Ele venceu a tentação e assumiu o chamado do Pai para esse messianismo, pagando o preço de permanecer fiel à sua vocação. Considera-se aqui que a Igreja sempre corre o risco de se alienar, mesmo sendo ela a presença de Deus no mundo. Corre o risco de não viver, não encampar ou não ser esta presença.

⁴⁴⁸RUBIO, *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. p. 19.

⁴⁴⁹O que é, para Bonhoeffer, o Reino de Deus e o que ele quer? “*é um reino mais poderoso do que a guerra e perigo, um claro reino de força e poder, um reino que para uns é terror e juízo eternos, para outros alegria e justiça eternas, um reino do coração, mas sobre a terra e o mundo todo, não passageiro, mas eterno, um reino que abre caminho por si mesmo e chama pessoas que lhe preparem o caminho, um reino pelo qual vale a pena ariscar a vida.*” BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 404.

⁴⁵⁰Ibid. p. 437.

⁴⁵¹RUBIO, *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. p. 20.

Dietrich Bonhoeffer enfrentou a tentação de se esquivar de sua missão,⁴⁵² quando em 1939, já nos Estados Unidos, foi convidado a ali permanecer e não retornar a sua pátria já conturbada pelos rumores da guerra na Europa.⁴⁵³ Sofreu uma noite inteira, insone, fumando muito até decidir voltar.⁴⁵⁴ Decidiu, afinal, retornar, considerando a exclusividade que o chamado ao discipulado cristão revela em relação a quaisquer outras demandas da vida, ainda as mais meritórias. Esta exclusividade com que Bonhoeffer se devota a quem o chamou e cuja matriz configura todo o conteúdo de seu pensamento e ação teológicos, não o torna um ser alienado em relação ao mundo real dentro do qual vive. Ao contrário, exige dele uma inserção responsável e consciente neste mundo em função das demandas que o chamado ao discipulado impõe não só a ele, mas a qualquer cristão legitimamente chamado como testemunha da verdade num mundo que tem por hábito rejeitar a verdade. O verdadeiro discípulo está determinado pelo chamado, mas o sentido que este assume no mundo se nutre de sua compreensão da complexidade de como poderá tornar este chamado inteligível em função das questões práticas que a vida humana – histórica, cultural, religiosa e economicamente condicionada, lhe apresentam.

3.3.2

Igreja: Amor a Deus e amor ao próximo, inseparáveis

A questão do discipulado ocupa um lugar central na teologia. O discípulo é chamado pelo Mestre com um objetivo muito claro: manifestar amor incondicional a Deus na resposta ao chamado e revelar ao mundo, amando ao próximo também de maneira incondicional, que o tipo de relação que Deus exige entre ele próprio e o homem e seu semelhante ou é dessa natureza incondicional ou não existe de fato. Trata-se da proverbial relação vertical-horizontal, não por acaso simbolizada pela cruz de Cristo. Essa é outra contribuição decisiva que a Igreja tem a receber da teologia de Bonhoeffer - a vivência de um evangelho integral.

⁴⁵²BOSANQUET, *The life and death of Dietrich Bonhoeffer*. p. 208.

⁴⁵³NELSON, *The life of Dietrich Bonhoeffer*. p. 38-39.

⁴⁵⁴BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*. p. 654-655.

A ênfase de Bonhoeffer na definição paulina do evangelho como a fé que opera por amor, aponta de imediato para o mandamento cristão mais importante, por intermédio do qual Deus e o próximo são vistos como um alvo único da atitude responsável do fiel. Isso nos leva à compreensão de que aquele que ora precisa ser também aquele que se solidariza. Na mesma linha, o que pratica a devoção não pode deixar de ser aquele que se coloca à disposição do próximo para levá-lo ao mesmo envolvimento com Deus. Na prática, toda atitude mística deve ligar-se ao interesse de beneficiar o ser humano, assim como toda atitude militante deve ter como objetivo glorificar ao Deus que a inspira e a torna possível e relevante.

Por esta ótica, nada do que é divino e humano está fora do âmbito de interesse do cristão. Ele precisa conhecer a Deus no pleno potencial da Revelação, mais especialmente naquilo que se refere à presença real desse Deus na missão redentora, possibilitada pela Encarnação. Para salvar, Deus precisou vir ao mundo, tornar-se carne e manifestar sua glória por meio dos sinais do Reino. Uma igreja que se disponha a ser o sinal visível do Reino de Deus no mundo precisa dispor-se a igual movimento, isto é, precisa aceitar sua inserção no mundo como uma vocação divina, mesmo quando tal inserção representa dor e sofrimento. O exemplo de Bonhoeffer deixa isso muito claro.

Com relação à crítica que se pode fazer à Igreja Batista a propósito, a abordagem marcadamente apologética de sua proposta pastoral, torna-se um elemento limitador, uma vez que a impede de compreender as dimensões “*não religiosas*” do mundo – a cultura, a arte, a política e a filosofia – e assim enriquecer esta própria mensagem. Na realidade, é impossível falar em inserção no mundo com vistas em demonstrar amor ao próximo quando a posição que se tem diante desse mundo é de rejeição compulsória e de resistência sistemática as suas legítimas formas de vivência e expressão humanas.

Essa é uma segunda pista que se pode destacar da Teologia e vida de Bonhoeffer: uma teologia relevante e pastoral de integração eficaz é aquela que se volta para o fundamento bíblico do amor a Deus e amor ao próximo. Jesus Cristo vinculou uma coisa à outra. Não se pode amar a Deus se não se ama ao próximo concretamente. Assim como no tempo de Zacarias e Ageu (cf. Ed 5:1; 2; 6:14; Ag 1:4,9) o povo de Deus cometia o erro de cuidar de suas próprias casas em detrimento do templo do Senhor. Hoje vê-se, especialmente nos países pobres, a

perniciosa ênfase na idéia de que a Deus os fiéis devem dar tudo, mesmo os recursos indispensáveis a seu sustento cotidiano. A Igreja se torna poderosíssima, uma potência econômica e política, enquanto seus membros ficam na miséria.

Essa questão de edificar a casa de Deus e deixar o povo ao relento é desalentadora. Lutero combateu isso na época das indulgências. Bonhoeffer também criticou a posição de sua Igreja em Barcelona,⁴⁵⁵ que vivia alheia aos problemas da comunidade à sua volta e não trabalhava na transformação do seu entorno. Muitas igrejas no Brasil hoje se tornaram grandes conglomerados empresariais, contudo com uma ação social desprezível, quando existente. A estrutura eclesiástica ficou poderosa e rica à custa da contribuição do sofredor, do órfão e da viúva.

Esse modelo de agradar a Deus à custa do pobre e do sofredor acontece também na situação secular. “*O país vai bem, mas o povo vai mal*”, afirmou o imperador D. Pedro II e, mais recentemente, o General Garrastazu Médici, então presidente do Brasil. O povo vai mal na economia, na saúde, na moradia, na educação, no transporte e na falta de emprego, enquanto as estatísticas mostram que a economia do país vai bem e em ascendência. A Igreja replica essa dicotomia quando deveria evitar isso dentro dela e eventualmente fazer a crítica desse modelo lá fora.

Para se resolver essa questão a partir de uma perspectiva cristã, uma alternativa é contar com uma pastoral que leve em conta a realidade concreta da vida das pessoas. Também se pode fazer uso de um instrumental teológico que oriente na superação dessa dicotomia e permita a crítica do modelo político e econômico que enseja essas disparidades. Pode-se, ainda, apontar caminhos pastorais que ajudem a superar na prática as desigualdades. Por exemplo, conceder bolsas de estudo para o filho do irmão pobre, como proposta ministerial da igreja, ou criar instrumentos de ação social dentro da Igreja de forma a criar na igreja local uma verdadeira comunidade. A Igreja precisa de contínuo ter em mente que o amor ao próximo implica sempre num compromisso social e político a favor da justiça e da promoção humana.

⁴⁵⁵Sobre este assunto ver Cap. 2, item 2.2. A formação teológica.

3.3.3

A Igreja como Comunidade viva

Surge, aqui, um outro tema capital na teologia de Bonhoeffer. Ele não pode conceber o cristão como um individualista, que dá à sua vocação a direção que lhe convenha – ainda que seja a melhor delas. Neste sentido difere de Kierkegaard, embora se possa compreender a posição do pensador dinamarquês quando se insurge contra uma teologia desencarnada a serviço de uma igreja conformista, que simplesmente cumpria o papel de servidora do estado. Para Bonhoeffer, a igreja é a comunidade viva, o povo de Deus em relação orgânica e ativa, a “*comunhão dos santos*” a que se referiu Lutero. Esta igreja viva, comunitária, (“a Igreja Confessante”, antinazista) era a que podia resistir ao maligno poder que se assenhoreou da Alemanha. Permaneceu como o testemunho vivo de Cristo diante do poder do mal e também diante daqueles que negaram ao Senhor em função de sua subserviência ao poder do Reich.

A simples menção do conceito de igreja-comunidade fica inviabilizada se não se pensa que antes de existir a igreja existia o próprio mundo – e que a igreja é retirada do mundo para voltar a ele com uma outra forma de vida comunitária. A paixão de Bonhoeffer por seu país e sua preocupação com o destino da Alemanha se explicam porque a comunidade humana antecede à comunidade de fé.⁴⁵⁶

Por outro lado, se se limitasse apenas a esse sentimento patriótico, Bonhoeffer correria o risco, do qual muitos não escaparam, de confundir as propostas do III Reich com os objetivos do Reino de Deus. Um dos fatores que o protegeram contra esse equívoco foi sua vivência na comunidade de fé como um fim em si mesma e não como um instrumento a ser utilizado para finalidades políticas ou ideológicas, por mais justas que pudessem parecer a uma análise ortodoxa, porém, superficial e interesseira.

Com isso se quer dizer que a comunidade de fé tem em si mesma sua própria razão de existir e que só no interior dela o fiel se abre para a dimensão plena do Reino de Deus. Como outras confissões e denominações, a Igreja Batista não está livre do perigo de sacrificar a riqueza, a graça e a força da vida na comunidade eclesial sobre o altar dos interesses institucionais. Sempre quando a

⁴⁵⁶ROBERTSON, *Dietrich Bonhoeffer: Introducción a su Pensamiento Teológico*. p. 9-10.

pessoa humana, especialmente os mais humildes, são instrumentalizados em favor desses interesses, a Igreja desaparece como sinal do Reino e passa a apontar para si própria ou para os que dela se beneficiam de forma simoníaca e, nesse sentido, demoníaca. Deixa de ser comunidade e passa a ser mera instituição. Nesse sentido, fica muito próxima de aliar-se a outras instituições, ainda quando estas, como o Estado nazista, seja a negação explícita da possibilidade da existência da comunidade cristã no seio da comunidade humana.

O Seminário de Finkenwalde, onde Bonhoeffer era diretor, foi fechado em 1937, pela Gestapo. O fechamento acabou com a experiência de três anos de vida comunitária (1935-1937) entre ele e cerca de vinte estudantes de teologia. No ano de 1938, em meio a tensão em que vivia, Dietrich decidiu relatar (como forma de esclarecer a teoria e ajudar a colocá-la em prática) essa “*vida em comunhão*”. Segundo ele, a *vida em comunhão* é uma tarefa confiada à Igreja e de sua responsabilidade.⁴⁵⁷

Neste livro, Bonhoeffer ensina a valorizar a comunhão cristã, a vida em comunidade e o compartilhar de vida entre os irmãos e irmãs na fé. Escreve, ainda no início: “*Não é óbvio que a pessoa cristã viva entre cristãos*”.⁴⁵⁸ Até por que essa não era a sua realidade. Essa comunhão visível⁴⁵⁹ entre os irmãos se dá por meio de e em Jesus Cristo⁴⁶⁰ “*é uma antecipação misericordiosa das coisas derradeiras [...] é uma dádiva de Deus*”.⁴⁶¹

O processo de comunhão necessita, segundo Bonhoeffer, de disciplina e organização. Estas “*serão mais firmes se tiverem suas raízes na oração*”.⁴⁶² Comunhão sem disciplina é algo superficial, infrutífero. O cristão deve ter disciplina para reservar tempo para meditar na Palavra, orar e interceder,⁴⁶³ ao mesmo tempo em que atua, sofre, participa da luta diária com o seu povo. O cristão não deve ser alguém que vive alienado do mundo. Pois “*uma vida em comunhão puramente espiritual não é apenas perigosa, mas também um fenômeno totalmente anormal*”.⁴⁶⁴ Cabe ao cristão lembrar que a maldição e a

⁴⁵⁷BONHOEFFER, *Vida em comunhão*. p. 5.

⁴⁵⁸Ibid. p. 9.

⁴⁵⁹Que se dá no período entre a morte de Cristo e o juízo final.

⁴⁶⁰BONHOEFFER, *Vida em comunhão*. p. 12.

⁴⁶¹Ibid. p. 10.

⁴⁶²Ibid. p. 54.

⁴⁶³Ibid. p. 67.

⁴⁶⁴Ibid. p. 26.

promessa de Deus para o seu povo é que ele “*viverá em terras distantes, entre os descrentes, mas será a semente do Reino de Deus no mundo inteiro.*”⁴⁶⁵

Faz parte da disciplina diária dos crentes a leitura da Palavra, a oração e a intercessão, o louvor, o serviço,⁴⁶⁶ e a confissão (que deve ser feita à luz dos dez mandamentos, como preparação para a Santa Ceia). “*A comunhão da Santa Ceia é por excelência o cumprimento da comunhão cristã.*”⁴⁶⁷ Na participação da mesa do Senhor os membros da comunidade de fé estão unidos no corpo e no sangue de Cristo, como um prenúncio da união eterna. A Igreja, que é comunidade, deve ser o sinal visível do Reino e a presença de Deus no mundo.⁴⁶⁸

Das suas cartas da prisão, (*Resistência e Submissão*) Bonhoeffer faz uma crítica à Igreja que para garantir a sua segurança foge da responsabilidade de ser presença e sinal de Deus no mundo. Esse modo de pensar sobre a Igreja já se encontra na tese de doutorado *Sanctorum Communio*: “*a marca e o sucesso da Igreja neste mundo chama-se cruz, e não a glória e o sucesso visíveis. [...] A realidade da Igreja não é experimentada em momentos de exaltação espiritual, mas com as rotinas e sofrimentos da vida diária, no contexto do serviço ordinário.*”

A partir da identificação com Cristo, através do desprendimento-encarnação-serviço, se manifestam os sinais do seu Reino no tempo presente. A partir da conformação da Igreja com Cristo, Bonhoeffer faz sua definição eclesiológica: *A Igreja é Cristo existindo na comunidade [...] a Igreja só se pode compreender apropriadamente como o resultado de um ato divino e não da experiência dos seus membros.*⁴⁶⁹

Bonhoeffer pautou suas atitudes a partir da análise da situação concreta do país e do povo, à luz dos ensinamentos Bíblicos. Ao partir para os Estados Unidos em 1930 a situação da Alemanha era de declínio da economia, inflação alta, desemprego, fome, decadência moral entre outros. Nessa época, o partido

⁴⁶⁵Ibid. p. 9.

⁴⁶⁶Este se dá através do *ouvir o outro*; do *servir* de maneira prática; *carregar/suportar* que é o sofrer com o outro, e só após esses três serviços é que o crente tem autoridade para ministrar com a *Palavra de Deus* ao coração do outro.

⁴⁶⁷BONHOEFFER, *Vida em comunhão*. p. 95.

⁴⁶⁸KELLY e GODSEY, eds., *Dietrich Bonhoeffer Works*, Volume 4 - Discipleship. p. 18.

⁴⁶⁹ROBERTSON, *Dietrich Bonhoeffer: Introducción a su Pensamiento Teológico*. p. 34.

Nacional Socialista era pequeno e sem importância. Quando regressou a Berlim, um ano depois, este era o maior partido no parlamento alemão.

Como o nazismo parecia favorecer as Igrejas, muitos dos seus membros temendo o bolchevismo, lhe apoiaram. Assim, quando Hitler assumiu o poder, já contava com muitos aliados nas igrejas, especialmente na protestante. Falava que ia completar a obra que Martinho Lutero havia iniciado.⁴⁷⁰ Nos seus discursos colocava Jesus como herói e não como o servo sofredor que morrera na cruz. Falava da ressurreição em vez da morte. Pôs fim às disputas partidárias dentro da Igreja propondo um bispo nacional.

Bonhoeffer e um grupo perceberam, com base na Palavra de Deus e os valores da fé cristã

“que o interesse de Hitler na Igreja era uma clara interferência nos seus assuntos e um esforço para dar forma a sua Teologia, de modo que as igrejas se dividiram entre os que queriam colocar a influência que a Igreja exercia sobre os alemães, a serviço do nazismo e os que insistiam na independência da igreja na sua esfera própria.”⁴⁷¹

Bonhoeffer viu a situação e a partir da análise dos acontecimentos histórico-sociais julgou os acontecimentos e optou por assumir concretamente aquilo que entendeu ser o plano de Deus para sua vida, o que ele denominava de “o agir responsável”.⁴⁷² Isso só foi possível porque desde cedo ele aprendeu a conciliar suas tarefas diárias com uma disciplina pessoal que incluía a oração e meditação na Palavra de Deus. Não usava do subterfúgio de ser pastor e teólogo para supervalorizar a oração deixando para outros o agir, nem superestimava a ação em detrimento da oração. Deixou o exemplo e o segredo de uma vida sadia – o equilíbrio entre ação e oração. Seguindo o seu exemplo, a Igreja como comunidade viva, poderá superar a tentação do dualismo se souber articular concretamente os cultos de louvor a Deus com a prática concreta da justiça em prol dos necessitados e a favor da vida.

⁴⁷⁰Ibid. p. 22.

⁴⁷¹Ibid. p. 23.

⁴⁷²No seio da Juventude Operária Católica (JOC) dos anos 50, na Bélgica, nasceu o método ver-julgar-agir, que foi pensado para ajudar de modo simples e fácil àqueles jovens cristãos na análise dos fenômenos histórico-sociais. Disponível em: <http://www.pime.org.br/missaojovem/mjigrejabrasilproposta.htm> consultado em 08 jan. 2008.

3.3.4

Igreja: visão ecumênica

Outra das práticas de Dietrich Bonhoeffer que podem informar a Igreja Batista brasileira no sentido de uma integração mais eficaz entre mística e militância é sua visão ecumênica. O ecumenismo para se tornar viável, precisa deixar de ser visto como um pacto diabólico entre igrejas sem identidade ou firmeza doutrinárias. Precisa deixar de aparecer como mero jogo de cena para despistar os interesses hegemônicos desta ou daquela confissão. Nesse sentido, falar em ecumenismo para Bonhoeffer não era referir-se à promiscuidade doutrinária com que alguns fundamentalistas de todos os matizes focalizam o tema.

Ecumênicos são todos aqueles que, não importando a variação confessional em questão, são fiéis ao discipulado e devotam a Deus e a seu semelhante o mesmo amor sacrificial que Jesus devotou a todos. As divisões confessionais têm seu lugar, mas não podem servir para separar os verdadeiros cristãos uns dos outros, a pretexto de questões teológicas, doutrinárias, litúrgicas e metodológicas. O único critério válido para dividi-los é se amam ou não a Deus e ao próximo.

Desde sua juventude, Bonhoeffer procurou conhecer por dentro outras confissões que não a luterana.⁴⁷³ Por esta razão demonstra grande tolerância com elas e uma simpatia que não se encontra em líderes batistas brasileiros, orgulhosos de manifestar um anticatolicismo tão ferrenho quanto, em muitos casos, exagerado. O equilíbrio que Bonhoeffer demonstra em sua conduta e em seu discurso, no meio de situações as mais adversas, se alimenta na fonte de um ecumenismo sadio, em relação ao qual o preceito apostólico da crítica seletiva podia ser exercido com plena eficácia é um exemplo que os batistas poderiam seguir (Examinem tudo, fiquem com o que é bom. 1Ts 5,21 NTLH).

A perspectiva dualista inviabiliza o diálogo. A pessoa que é pautada pelo dualismo, se este é um pouco radical torna-se impossível o diálogo. Uma perspectiva de integração leva à conclusão de que a Verdade é Jesus Cristo. Mas a

⁴⁷³Sobre a visão e relacionamento ecumênico de Bonhoeffer, veja no cap. 2, itens 2.3. A formação teológica; 2.4 Expandindo o horizonte ecumênico; 2.6 Resistência e Submissão ou Oração e Ação e 2.8 quando o fim é o começo, deste trabalho.

apropriação da verdade é limitada, imperfeita e condicionada. Ninguém tem essa apropriação total, daí a necessidade de se ter uma relação de inclusão e não de exclusão. Uma metodologia boa estimula a necessidade de incentivar a superação do dualismo e de desenvolver uma perspectiva de integração, que não significa perder a própria identidade, mas estar aberto à verdade da outra pessoa porque ninguém possui a verdade total. Isso é impossível dado a limitação e condicionamento humano.

Mais uma vez, a Verdade absoluta é Deus, Jesus Cristo. O enriquecimento mútuo é uma boa pedagogia para ir superando o dualismo, pois este impede o diálogo. A pessoa que absolutiza sua posição exclui o outro. No dualismo a dialética de exclusão está sempre presente, pois ao me afirmar excluo o outro. Em outras palavras: *”porque se eu sou, você não é.”* Essa é uma atitude perigosa e negativa para a vida das Igrejas. Estar aberto dialogicamente à verdade, à palavra do outro, me enriquece, como também a minha palavra enriquece a outra pessoa. Essa relação de inclusão propicia a caminhada na superação do dualismo.

Admitindo a possibilidade de participarem do diálogo ecumênico, os batistas brasileiros só teriam a ganhar, na medida em que, em última análise, o universo cristão é o sinal do Reino de Deus no mundo. Dentro desse universo nenhum grupo em particular possui o monopólio da Revelação. O máximo que cada confissão em particular pode fazer é exaltar suas próprias virtudes, mas isso nunca deveria ser feito por contraste com os defeitos percebidos nas demais. No fundo, todos dependem de todos. Caso a mera tolerância não seja suficiente na garantia dessa atitude respeitosa, então é o caso de se apelar para a ética cristã como forma de ao menos impedir que os cristãos de confissões diferentes cometam o mesmo erro dos gálatas, que nas palavras do apóstolo, “mordiam-se uns aos outros” (cf. Gl 5,17).⁴⁷⁴

Só a vivência do ecumenismo verdadeiro, aquele que reconhece no outro o Cristo, pode ajudar na superação do dualismo. O cristão maduro não teme perder a sua identidade. Trabalha ecumenicamente em cooperação com outros irmãos em prol da democracia, da igualdade, da fraternidade e da construção de um mundo

⁴⁷⁴Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede não vos consumais também uns aos outros. (Gl 5:17 RC).

mais justo, mais solidário, mais fraterno. Não se deixa cair nas tramas do dualismo.

O verdadeiro ecumenismo é dialógico. Por isso o cristão maduro reconhece que juntos somam esforços e são mais fortes ao apontar as injustiças. Reconhece na oração uma poderosa arma. Orar não apenas pedir, é uma aspiração da alma, a própria essência da religião, a admissão cotidiana da fraqueza humana. Por isso se pode orar junto com os irmãos de outras confissões.⁴⁷⁵ Não uma oração alienada, mas uma oração que o impulse pela fé a denunciar os abusos e a agir criativa e responsabilmente nesse tempo que se chama hoje.⁴⁷⁶ Se os cristãos se unirem ecumenicamente, na oração e na ação, terão mais chances de captar os momentos propícios para penetrar nas estruturas sociais e influenciar a criação de uma sociedade mais justa e fraterna para todos.

3.3.5

Igreja: dimensão ética da fé/ o agir responsável

Esse quinto ponto ou pista aparece enfatizado em várias obras de Dietrich Bonhoeffer: a responsabilidade ética da fé, na qual o cristão é chamado a agir responsabilmente. Isso leva a considerar que sem uma ética cristã profundamente arraigada numa consciência de responsabilidade integral para com Deus e o próximo, as bandeiras confessionais, por respeitáveis que sejam no tocante à estabilidade institucional que promovam na sociedade, não passam, como na Alemanha nazista, de joguetes nas mãos das forças políticas e econômicas. Bonhoeffer viu isso com extraordinária clareza, razão pela qual entendeu que precisava pessoalmente engajar-se numa cruzada ética que não só testemunhasse dessa responsabilidade, mas também demonstrasse que, sem ela, a igreja alemã transformava-se numa mera instituição, sem nada a caracterizá-la como cristã – ao contrário, a transformava numa estrutura a serviço do próprio Anticristo.

A Igreja cristã ao longo da história, como forma de cumprir sua missão evangelizadora, buscou de muitas maneiras se inserir no mundo. Nessa luta pela inserção a qualquer custo, muitas vezes foi tentada devido à falta de espírito

⁴⁷⁵KING, *Orar com Martin Luther King*. p. 105.

⁴⁷⁶BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 37,41,395.

crítico de sua liderança que a levou a agir de maneira totalmente anti-cristã. Quais são as tentações com que a Igreja se depara, neste sentido, ou seja, no sentido de tentar de alguma forma, até por justificativas institucionais – manter-se “isenta” nessa inserção no mundo? Quais foram as tentações para Jesus? E quais são as tentações para a Igreja hoje?

Primeiro, a *tentação do poder temporal*. Assumir o poder temporal é uma grande tentação. Igrejas se fazem temporalmente poderosas para confrontar o reino desse mundo com as mesmas armas deste reino. O que os bispos dessas igrejas estão fazendo? Estão se enriquecendo e se estruturando nos moldes de uma agremiação política, coisa que aconteceu com a Igreja Cristã no passado, que para poder colocar o cristianismo em pé de igualdade com os outros poderes e até suplantar esses poderes temporalmente falando, envolveu-se na luta política e ideológica e acabou caindo na tentação de impor ao mundo o Reino de Deus pela força do poder e do dinheiro.

A segunda *tentação* é a *do império da necessidade* – comer o pão. A grande tentação da necessidade é a igreja se propor a resolver o problema material do mundo – imanência, entendendo que se matar a fome do povo terá cumprido sua missão apostólica. Essa tentação tem levado à queda os que se esquecem que “*nem só de pão viverá o homem*” (cf. Mt 4,4; Lc 4,4) e com isso perdem a dimensão da transcendência, ainda que se articulem com êxito no tocante ao que se pode conceber como conduta revolucionária de cunho político. Essas duas dimensões – imanência e transcendência – estão dialeticamente relacionadas. A verdadeira restauração humana passa pela economia, pela educação, pela linguagem e pelas reformas estruturais na sociedade, mas não despreza o fundamento cristão que infunde sentido espiritual a ela. Dostoievski, em *Os Irmãos Karamazov*,⁴⁷⁷ mostra a maneira insidiosa com que a igreja retira a liberdade de cada ser humano, privando o indivíduo de sua individualidade e de sua capacidade de autodeterminação, dando-lhe em troca o pão e o mistério. O Grande Inquisidor se apresenta para Jesus Cristo e lhe diz que dar liberdade ao ser humano é um erro. O que se deve fazer, segundo ele, o que a Igreja concebida como mera instituição faz, é dar-lhe pão e mistério. A resposta teologicamente

⁴⁷⁷DOSTOIÉVSKI, F.M. *Pró e Contra Livro V - O grande Inquisidor*, in *Os Irmãos Karamazovi* (Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1971). p. 5-58.

correta a esta proposta diabólica é dar, além do pão, a palavra libertadora, por mais que a Igreja esteja sempre diante da tentação de sonegar aos oprimidos os meios pelos quais possam se libertar.

A terceira *tentação* é apresentar *o evangelho como produto*, ou seja, o afastamento do risco do escândalo do evangelho, por meio de um pragmatismo utilitarista que faz do mesmo um objeto de consumo. A Encarnação pressupõe esse risco, uma vez que o Deus encarnado possa ser visto como uma pessoa comum, posto que excepcional, mas jamais como o próprio Filho de Deus. Entretanto, ele é a palavra viva, o Verbo divino, o Cristo que apesar de seu auto-esvaziamento (cf. Fp 2,1-11), ou mesmo por causa dele, torna-se o Redentor de todos os que crêem. Bonhoeffer assumiu o risco do escândalo, na medida em que não aceitou desvincular-se da mensagem que pregava como se ela pudesse alcançar plena autonomia objetiva a ponto de prescindir de um sujeito que lhe infundisse vida por meio da coragem e da humildade da fé. Seria, em outras palavras, pregar um Cristo sem cruz ou mesmo uma cruz sem crucificado.⁴⁷⁸ A cruz de Cristo envolve um tremendo risco de escândalo, mas sem esse risco ela perde todo o seu poder espiritual. Bonhoeffer assumiu sem reservas a sua cruz pessoal – que, de resto, não era dele, mas de Cristo – correu esse risco.

Hoje, o evangelho é tornado um produto bem embalado, como um objeto que se vende e compra no mercado, depurando-o do seu risco de escândalo. Para muitos, na época mercantilista e consumista em que se vive, a aceitação do Evangelho exige que o beneficiário seja uma pessoa esperta, não um portador de fé no sentido teológico. Apresentando o evangelho como produto não se fala da cruz de Cristo, do arrependimento, da mudança de vida, da responsabilidade cristã, do compromisso, da resposta ao chamado. Desta forma, a questão da mística e da militância sequer pode ser colocada, uma vez que tanto uma quanto a outra dessas posições acabam tendo que submeter-se ao critério absoluto do deus-mercado. Cristianismo integral não é, nessa perspectiva mercantilista, nem oração nem ação, muito menos as duas conjugadas – é o uso dos valores do Reino para fins de conquista pessoal. Trata-se, em última análise, de um puro e simples exercício de simonia (cf. At 8,9-24).

⁴⁷⁸KELLY e GODSEY, eds., *Dietrich Bonhoeffer Works*, Volume 4 - Discipleship. p. 84-91.

No combate a essas e a outras tentações que se colocam como empecilho à vivência de um evangelho integral, a Igreja tem como receber da teologia de Bonhoeffer uma contribuição decisiva. Do ponto de vista da sua ética pessoal, afora o fato de que ele tenha se submetido ao sacrifício de viver marginalizado em seu próprio país, tenha sido preso e maltratado por seu testemunho cristão e, afinal, assassinado por não dissociar a ética da vida prática, no caso, da política, sobressai sua posição teológica: não é por heroísmo que o cristão deve passar por tudo isso ou coisa pior. A postura está explicitada no seu texto:

“A Igreja tem que sair da sua estagnação. Temos de sair para o ar livre da confrontação intelectual com o mundo. Também temos de arriscar dizer coisas que possam ser contestadas, desde que dessa maneira mexamos com questões vitais. Como teólogo “moderno” que ainda trás dentro de si o legado da teologia liberal, sinto-me no dever de tocar nestas questões. Entre os mais jovens não haverá muitos nos quais as duas coisas se vinculam. [...] mas, mesmo que nos tenha sido tirado o diálogo esclarecedor, não o foi a oração, e é só por meio dela que este tipo de trabalho pode ser começado e terminado.”⁴⁷⁹ [...]

“A Igreja só é Igreja quando está aí para os outros. Como primeira providência, ela deve apresentar todo o seu patrimônio aos necessitados. Os pastores devem viver exclusivamente das doações espontâneas da comunidade, eventualmente exercer uma profissão secular. A Igreja deve participar das tarefas mundanas da vida social humana, não dominando, mas auxiliando e servindo. Ela deve dizer às pessoas de todas as profissões o que é uma vida com Cristo, o que significa “existir para os outros”. Em especial, a nossa Igreja terá de combater os vícios da *hybris*, da adoração da força, da inveja e da ilusão como raízes de todo o mal. Ela terá de falar de moderação, autenticidade, confiança, fidelidade, constância, paciência, disciplina, humildade, modéstia, comedimento. Não poderá menosprezar a importância do “exemplo humano” (que tem sua origem na humanidade de Jesus e é muito importante para Paulo!); sua palavra obterá ênfase e força, não através de conceitos, mas pelo exemplo.”⁴⁸⁰

3.4

Conclusão

Neste capítulo, a partir da vida e obra de Bonhoeffer, foram recuperadas algumas pistas que podem iluminar a teologia, a pastoral e a caminhada dos Batistas, no sentido de superar a dicotomia mística versus militância nos arraiais brasileiros. Bonhoeffer, desde o início de sua carreira acadêmica tentou discernir o relacionamento entre a fé como ação e a revelação como ser.⁴⁸¹ Na evolução do

⁴⁷⁹BONHOEFFER, *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. p. 507-508.

⁴⁸⁰Ibid. p. 512-513.

⁴⁸¹FLOYD, ed., *Dietrich Bonhoeffer Works*, Volume 2 - Act and Being, p. 28.

seu pensamento, na *Ética*, trabalhou a questão da vivência cristã como uma vivência integral da fé. Considerava que o cristão deveria viver a fé de maneira integrada: vida espiritual com a vida humana comum, mística com militância, que ele chamou um “*viver de forma responsável*”. Uma vida ligada a Deus, ao próximo e ao meio que os envolve. A vida responsável permite ao homem não se subjugar à realidade, mas viver com ela. A ação do homem responsável deve ser de acordo com a realidade. Tal ação não muda o mundo, somente permite que o mundo seja “mundo”.

Bonhoeffer não afirmou que não se deveriam mudar as coisas, nem que o mundo fosse deixado à sua própria sorte. O cristão deve ver o mundo de forma realística, o que às vezes demanda uma ação relevante. Por isso, Bonhoeffer reconheceu que, quando Deus deu “mandatos” para estruturar a realidade em relação à igreja, família, cultura e governo, Ele o fez de forma clara. Assim o cristão deve ver as relações entre lei e evangelho:

“Em tudo que a Igreja tem a dizer a respeito das estruturas do mundo, sua ação só pode ser preparatória para a vinda de Jesus Cristo, sendo que a verdadeira vinda do próprio Jesus Cristo depende exclusivamente de sua própria liberdade e graça. [...] A palavra da Igreja sobre as estruturas terrenas procede unicamente da sua pregação de Cristo; [...] Direitos humanos e naturais só existem a partir de Cristo, isto é, a partir da fé. [...] só onde tudo for orientado para Jesus Cristo o mundo se torna realmente mundo e o ser humano verdadeiramente ser humano, conforme Mateus 6,33. [...] Diante de Deus, no entanto, não há leis próprias, a lei do Deus revelado em Jesus Cristo é a lei de todas as estruturas terrenas. Os limites de qualquer dinâmica própria revelam-se na pregação da palavra de Deus por parte da Igreja; a forma concreta da Lei de Deus na economia, no Estado, etc., deve ser discernida e achada por aqueles que atuam responsabilmente na economia e na administração pública. Poder-se-ia falar aqui, se não é mal entendido, de uma relativa dinâmica própria.”⁴⁸²

Como mencionado, foram privilegiadas cinco pistas a partir da vida e escritos de Bonhoeffer que poderiam informar a Igreja Batista, mas existem outras que nos ajudariam na articulação entre espiritualidade e ação e que poderiam ser trazidas à baila, como o exemplo da vida de homens e mulheres ao longo da História. O interesse de Dietrich por pessoas com quem ele poderia aprender e de quem recebeu influência como Lutero, Gandhi, seus professores tais como: Adolf Schlatter, Adolf Von Harnack, Reinhold Seeberg, Barth entre outros. Essa é uma

⁴⁸²BONHOEFFER, *Ética*. p. 200-201.

grande contribuição, uma vez que pastores e membros da igreja Batista, até para evitar o perigo da idolatria, privilegiam o uso de exemplos de homens e mulheres do período bíblico e marginalizam outros exemplos e até mesmo ensino de muitos teólogos. No máximo nas comemorações de meses destacados para as campanhas missionárias citam o exemplo de alguns missionários.

Dietrich Bonhoeffer é um exemplo de teólogo marginalizado por aqueles que vêem em seu engajamento político um risco para a correção doutrinária da igreja e um sério desvio em relação à ortodoxia teológica cristã. Para uma plena compreensão de seu pensamento, sua prática pastoral e sua ação política, primeiramente é preciso desmarginalizar o teólogo Bonhoeffer, entendendo que ele é digno de ser estudado em extensão e profundidade como qualquer teólogo tido como ortodoxo. Deve-se conhecer sua obra, seu pensamento, sua vida, buscando o que se pode incorporar do seu exercício profético à experiência da denominação batista. Deve-se, também, eliminar os preconceitos que cercam sua pessoa, fazendo uma abordagem teologicamente rigorosa de sua vida e obra, liberta de uma resistência intelectual que não é só contra ele, mas contra os teólogos que são catalogados como liberais ou modernistas, a exemplo de Bultman, Tillich, Kierkegaard, entre outros.

Cabe à Igreja Batista, hoje, as tarefas de pensar a fé a partir das questões contemporâneas, sem dicotomizar categorias espirituais das sócio-políticas e de utilizar um linguajar autêntico e próprio que não falsifique nenhum dos dois extremos: Deus e o mundo.